



ID: 78538541

12-01-2019 | Revista E

Cult uras



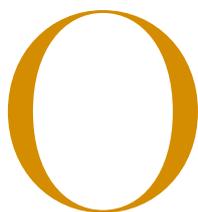
De volta a casa

É uma cineasta de garra, corajosa, intuitiva, e filmou na terra natal junto ao Tejo a sua primeira longa-metragem. Damos a palavra a Leonor Teles, agora que "Terra Franca" chega às salas

TEXTO FRANCISCO FERREIRA



Albertino Lobo em "Terra Franca": "Quanto mais o conhecia, mais me apercebia de que o rio iria ser tratado como uma personagem — o Tejo faz parte daquele bairro, da vida daquelas pessoas, da minha"



título da primeira longa-metragem de Leonor Teles — que sucede à curta "Balada de um Batráquio", premiada a ouro em Berlim 2016 — está umbilicalmente ligado à terra natal da cineasta, Vila Franca de Xira, a trinta e poucos quilómetros de Lisboa, isto para quem não a situa imediatamente no mapa. Nas margens do Tejo, entre 2015 e 2017, Teles seguiu os movimentos do quotidiano de Albertino Lobo, pescador experiente que entende do rio como poucos, e que ela há muito conhecia. Durante o processo, a câmara foi abrindo gradualmente o seu campo até incluir toda a família de Albertino, a sua mulher, Dália, que tem um café, as duas filhas do casal, também uma neta — e com isto um espelho de toda uma comunidade piscatória sujeita a dificuldades e que corre o risco de desaparecer. Poderemos encontrar no gesto um filme político sobre o fim de um ciclo e de uma profissão nobre que Albertino, com orgulho e suor, ainda representa. Acontece que "Terra Franca" vai deslocar-se

desse caminho de dramatização e nostalgia, preferindo focar-se com sensibilidade e paciência nos laços que unem a família Lobo, nos seus gestos banais do dia a dia, até em promessas e sinais do destino que auguram um futuro mais risonho. No fundo, é como se o olhar cúmplice que Leonor nos transmite pudesse resumir-se a isto: nada há como a alegria dos momentos de vida que se partilham, esta será sempre a maior fonte de inspiração. Leonor, 26 anos, tornou-se internacionalmente conhecida com "Balada de um Batráquio", filme que chocou de frente contra a xenofobia em relação à etnia cigana, e já antes nos tinha falado da sua história de família numa curta anterior, ainda concluída no âmbito da Escola de Cinema, "Rhoma Acans", em 2012. "Eu cresci em Vila Franca" (contou-nos já há uns meses, quando "Terra Franca" se estreou no festival Cinéma du Réel, em Paris) e, da parte da minha mãe, pertence aos varinos, uma comunidade piscatória [de Ovar], há muito estabelecida no Tejo. O Albertino é avieiro [outra comunidade piscatória da zona], conheço-o desde pequena, andei com a filha mais nova dele na escola. Ora, eu sempre tive vontade de filmar aquela zona do Tejo. E seguir o Albertino não significava apenas encontrar o melhor guia do rio: ele tem uma fotogenia impressionante, é incrível de filmar. Por outro lado,

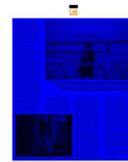
comecei a ficar farta de fazer filmes sobre ciganos, o tema estava a esgotar-se. Fui bombardeada com essa 'marca' depois do prémio em Berlim [enquanto lhe chamavam "jovem cineasta" e "promessa do cinema português"...]. Era importante mudar. Na verdade, "Terra Franca" é anterior a "Balada...". Vem de 2014, começou como uma ideia para uma curta. E é o filme que eu há muito queria fazer." A convivência regular com Albertino acabou por ditar que a curta inicial se tornaria uma longa e, a partir de outubro de 2015, Leonor começa a filmar. No início, tentou intervir o menos possível, para que a sua presença fosse tranquila. Mais tarde, começou a sugerir aos Lobos que falassem de um determinado assunto que ela presenciara, ou "lançava um tema para o ar e esperava que as coisas se desenvolvessem, dando uma continuidade à história", sempre com o Tejo a testemunhar tudo. "E quanto mais conhecia o Albertino, que cresceu num barco, mais me apercebia de que o rio iria ser tratado como uma personagem: o Tejo faz parte daquele bairro, da vida daquelas pessoas, da minha. Por outro lado, o Albertino no filme é quase uma espécie de 'último pescador', representa o fim de uma tradição que, pelas circunstâncias da vida, não conseguiu passar para a geração seguinte. E eu fui

filmando-o. Fui dezenas de vezes à pesca com ele. Aperfeiçoei os enquadramentos, na medida do possível, porque filmar num barco não é nada fácil!"

Depois surgem cenas cómicas ("Terra Franca" começa com Albertino num carro a fazer marcha-atrás...), sobretudo em casa, outras calorosas, mesmo quando se nota que há ali alguma mágoa, outras ainda em que se fala de tudo e de nada. "Terra Franca" vai-se adaptando aos movimentos da vida e, uma vez chegada à montagem ("foi a parte mais difícil, durou quase um ano..."), com quase 100 horas de material, Leonor descobre o que quer: vai 'forjar' um tempo de cinema que não corresponde ao tempo real da rodagem. Organiza então o material segundo as quatro estações, de um final de verão ao termo do verão seguinte, oferecendo ao espectador a perceção de que, em 80 minutos, se acompanha a vida de Albertino ao longo de um ano. "Quis traçar esse arco narrativo, para que o tempo se sentisse mesmo e nos déssemos conta de algo tão essencial como isto: percebermos que a neta está a crescer."

O QUE AÍ VEM: "CÃES QUE LADRAM AOS PÁSSAROS"

Depois da estreia no Cinéma du Réel (onde conquistou o Prémio do Júri; o vencedor foi "L. Cohen", de James Benning), de uma passagem em Cannes na secção ACID, também em Sheffield, Zurique, DocLisboa, Mar del Plata e mais uns quantos festivais (e a isto se acrescenta uma estreia comercial em França "que correu superbem"), "Terra Franca", nestes primeiros dias frios de janeiro, já está longe dos olhos de Leonor, mas não do coração. Voltámos a falar com ela. "Ainda ontem, ao passar no mercado de Vila Franca, encontrei a Dália. E estive com eles no Natal, fui almoçar no café e deixei-lhes um mupi do filme, com uma foto do Albertino em tamanho gigante! Estava lá a família toda. Ele continua a ir à pesca; aliás, vai todos os dias, faça chuva ou sol, só fica em casa quando o vento ou as marés não deixam. Já tiveram mais um neto. A vida segue o seu rumo." Entretanto, Leonor já tem um filme novo, a sua terceira curta, que está em fase de pós-produção neste momento. Partiu de uma encomenda da Câmara Municipal do Porto (primeira experiência da realizadora na matéria), do



ID: 78538541

12-01-2019 | Revista E

projeto Cultura em Expansão, no qual já participaram também Salomé Lamas e João Salaviza. “Essencialmente”, explica Leonor, “é uma carta branca: convidam um cineasta a passar uma temporada na cidade e a realizar um filme. No Porto, claro. Parti em abril, à descoberta do que podia fazer, mudei-me em junho e julho e ainda voltei em outubro. É um filme de verão.”

Com coincidências. Anos antes, também na Invicta, uma espectadora de “Rhoma Acans” e de “Balada de um Batráquio”, Maria Gil, aproximou-se de Leonor no final da sessão para a conhecer. Quando foi para o Porto no ano passado, a cineasta estava à procura de adolescentes para ver como viviam, o que faziam, e quem sabe arrancar um filme com eles. Um amigo falou-lhe então de quatro irmãos que ela deveria encontrar, entre os 13 e os 21 anos, com uma singular dinâmica de grupo. Eram os filhos de Maria Gil. “Comecei a passar tempo com eles, e o filme acabou por nascer e tornar-se uma continuação natural da minha linha de ação: partir de histórias reais que trabalho em seguida com um dispositivo ficcional. O que encontrei no Porto — à semelhança de Lisboa — foi uma cidade a sofrer transformações brutais por causa do turismo, da gentrificação, da especulação imobiliária, e tudo isto a um nível mais microscópico, porque o centro do Porto é bem menor do que o de Lisboa. Ora, a Maria e os filhos estavam à procura de casa. Isto aconteceu



TIAGO MIRANDA

“O Albertino no filme é quase uma espécie de ‘último pescador’, representa o fim de uma tradição que, pelas circunstâncias da vida, não conseguiu passar para a geração seguinte”

LEONOR TELES

no momento em que eu estava na cidade. Contaram-me então a via sacra de garantias e fiadores e toda a espécie de escrutínio das suas vidas a que se sujeitaram enquanto procuravam um novo apartamento para alugar, a pressa para deixarem

a casa anterior, os preços brutais exigidos pela nova realidade do mercado, e nisto eu já estava a rodar, a fixar aquele momento em que a tua vida fica suspensa porque tens um aflição palpável, um problema importante — o da habitação — para resolver, e a prazo.” Não foi preciso inventar muito mais, contou Leonor, a maior parte do elenco são não-atores que fazem de si próprios, “a pessoa que interpreta o senhorio é um amigo”, e tirando algumas cenas, “que inventámos e escrevemos juntos, a ideia foi sempre fazer o jogo ao contrário do documentário, ou seja: isto já aconteceu, agora vamos encenar o que vivemos.” No último Porto/Post/Doc, Leonor mostrou-nos “Cães Que Ladraram aos Pássaros”, ainda numa versão de trabalho, em sessão não aberta ao público. Aquilo que se descobriu foi, de facto, um filme radioso, endiabrado, focado nas aventuras quotidianas dos jovens irmãos e a celebrar a vida de uma família da cidade, apesar dos seus problemas. Ficamos com a sensação que, no cinema de Leonor,

os dramas acabam sempre por ser deixados para segundo plano, “mas não é bem isso”, corrige ela, “os dramas estão lá, toda a gente os tem, eu sempre os tive na minha família. Tu nascas e os dramas começam. Nunca nada está sempre às mil maravilhas. Só que, para mim, há uma coisa mais importante do que isso e que é a vontade de continuar a viver. Acho que o título vem daí, de uma ideia de resistência: podem ladrar para cima de nós, mas seguimos em frente, contamos uns com os outros, não nos vamos deixar ficar.” Já com o gravador desligado, Av. Almirante Reis acima, do Intendente à Praça do Chile: “E com isto até me esqueci de falar do mais importante: é que todas as pessoas que eu filmo tornam-se minhas amigas, se não o são já. Nunca é usar e deitar fora, adeus e até à próxima. Continuamos a comunicar uns com os outros. Para mim esta é mesmo uma regra de ouro. Nem consigo imaginar-me a fazer filmes de outra maneira.” ●



O protagonista a arranjar as redes, após um dia de trabalho

Ver crítica na pág. 77